



CARO

: *Revista de Coimbra* :

3

"ÍCARO," Revista de Coimbra

DIRECTOR: Ernesto Gonsalves.

SECRETÁRIO E EDITOR: Luiz de Vasconcelos.

FUNDADORES: Cabral do Nascimento, Vieira de Castro, Alfredo Brochado e Cortez Pinto.

ADMINISTRADOR: Vicente de Gouveia (Rua Alexandre Her-
culano, 42).

N.º 3

JANEIRO DE 1920

ANO 1

SUMÁRIO

Peixe de aquário.	EUGÉNIO DE CASTRO.
Estudo.	SIMÃO ESCÓRCIO.
Velando e Hora Mística.	ALFREDO BROCHADO.
A Deusa	MENDES DE BRITO.
Outôno	ANTONIO DE PORTUCALE.
O Refugiado.	ERNESTO GONSALVES.
Soneto e Sonetinho	CABRAL DO NASCIMENTO.
Os Modernos	JOÃO AMEAL.

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser dirigida ao director, Rua de Tomar, 3.

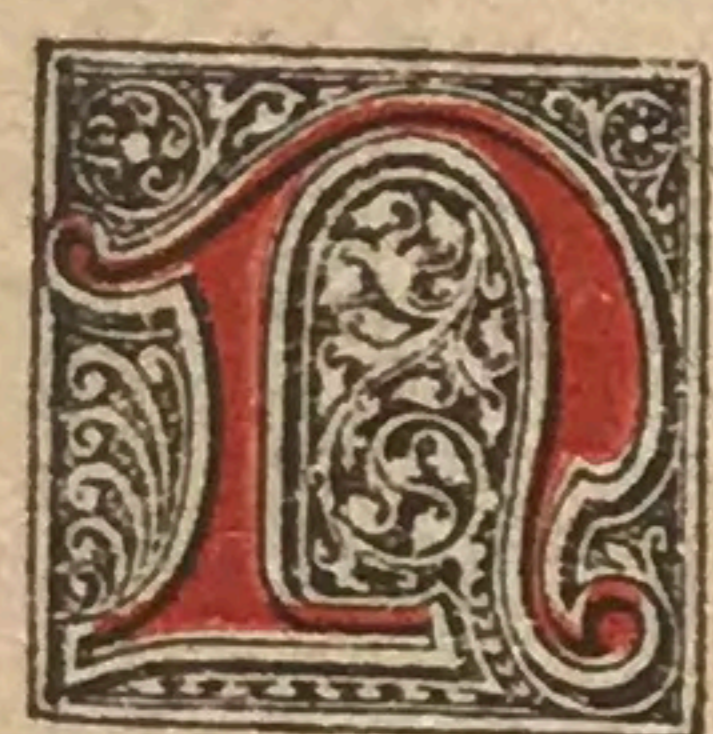
Preço: 300 reis



: PEIXE DE AQUÁRIO :

— Sois charmante et tais-toi

BAUDELAIRE.



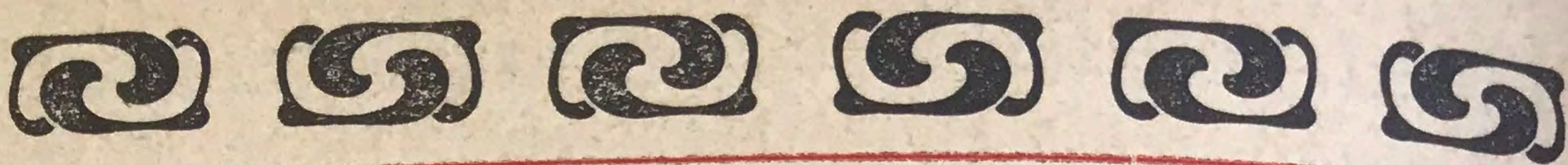
A água límpida e fria da redoma
Move-se lento um peixe que parece
Feito de nácar que espelhado houvesse
As labaredas ruivas de Sodoma.

Ao vê-lo, a doce Pirra d'áurea coma,
Dessa côr uma túnica apetece,
Diz: — «Que estúpido!» e no cristal revê-se
Da boceta em que traz lânguido aroma.

E eis que Petrónio atalha: — *«Quererias
«Que fosse outro Demóstenes? Que mingua
«De siço tens! Elege-o por modelo,*

*«Voluptuoso encanto dos meus dias,
«E repara, travando mais a língua,
«Que a sua missão única é ser belo!»*

EUGENIO DE CASTRO.



: ESTUDO :



DÔSTO que eu não usasse da filosofia de Pangloss, o meu espírito era calmo e assossegado e recebia com naturalidade as coisas mais adversas do mundo — se é que as coisas do mundo chegavam ao meu recolhimento sibarita de erudito frade humanista.

Morava eu numa velha quinta monástica, plantada de loureiros, a cuja sombra perene me comprazia na leitura de saborosos clássicos portugueses, em certo banco de pedra ladeado de ingénuos azulejos. Quando o meu olhar se fatigava das páginas amarelecidas, pousava-o sôbre a frescura daqueles tôscos desenhos, quási todos referidos a episódios do Velho Testamento e com sua elucidativa transcrição latina. Não era raro ouvir-se um pássaro que cantava entre a folhagem rumorosa e espessa, través da qual o sol punha manchas ondeantes sôbre a relva. Hermínio, um cão de raça, fitava as orelhas e escutava em silêncio; e como eu o incitasse a caçar, com palavras familiares, êle erguia-se inquieto, uma pata no ar, a cauda em pluma — nessa atitude heráldica dos animais de escudo.

Passavam-se assim as horas e os dias, emquanto a minha alma, como em sanatório de repouso, se refazia dos tempos agitados e vividos no convívio inquietante dos homens.

Porque fôra eu ter ali, decerto me não lembrava já bem. Uma enfermidade perigosa, um mês de febre, longas semanas

de uma convalescença indolente... E como, no final das grandes doenças, a nossa imaginação trabalha! Recostado numa cadeira de vêrga cheia de almofadas, eu assistia aos poentes maravilhosos dêsse outono benigno e suave, meus olhos semi-cerrados e os joelhos sob uma coberta de lã: e logo, por um oculto poder evocador, certos incidentes fúteis da meninice: um jôgo de arco brincado nas alamedas de uma quinta, uma quermesse cheia de lumes, uma viagem pelo mar, — tudo isso vinha-me subitamente à memória, mas sem esforço e sem desejo, como uma bôlha de ar que se desprende do fundo dum pôço e assoma inevitavelmente à superfície.

Sentada perto de mim, silenciosa e hierática, uma mulher velava constante. Enfermeira solícita das horas graves, Sôror Marta gostava agora de ver o pôr do sol daquele alpendre coberto de madre-silvas e glicínias.

E muitas vezes eu sentia as suas mãos compondo-me as almofadas, ou então admirava-as pousadas sôbre o regaço, brancas como açucenas de armorial, aristocráticas como duas pombas nupcias.

Ao sexto mês da minha reclusão, quando pelas manhãs frias de inverno me erguia do leito, muito cêdo, e vinha passear para os jardins, já de todo a saude a mim tornara, e rijo e bem disposto me sentia reviver. Haviam emigrado as rôlas, que outrora voavam entre os altos ramos das araucárias. Silenciosa era agora a cêrca aonde o lago enverdecia de lôdo e onde o repuxo ainda desfolhava a sua corola de águas, como o último crisântemo da estação. Orvalhados da chuva, os cedros espalhavam em torno um acre e húmido perfume, pesadamente tombando da rama encarapinhada. Sôror Marta voltára ao seu convento, em terras estrangeiras, e a essas horas matinais de névoa por certo andava já na sua faina de jardinar, cuidando das plantas que haviam de florir no exíguo claustro sem luz.

Hermínio corria dum a outro lado, farejando, ou então estirava-se a uma nesga de sol, em quietitude beatífica. Assim chegou o dia em que me apartei daquela casa de tão soléne memória, episcopal e vetusta, e de cujas estreitas, líricas janelas tombavam flores encarnadas de gerânios. Mas como

quer que o destino dispusesse, cêdo me haveria de lembrar de tudo aquilo, porque não há nenhum incidente na vida que se não repercuta e se renove nela, como o golpe vibrado na casca duma árvore faz melindrar e sofrer a mesma árvore.

Tendo voltado por esses dias à capital e estando no hotel a desfazer as malas, saltou-me à vista um pequeno maço de cartas, documentos de uma misteriosa correspondência que entretivera, a quando convalescente, com alguém que eu nunca chegára a conhecer. Vejamos o enigma: no terceiro dia em que passára a tarde no alpendre, à hora evocadora e mística, Sórora veio trazer-me uma carta lacrada a prata e de ignorada caligrafia e proveniência. O sol desaparecêra momentos antes, laivando de um fino ouro os montes recortados. Ela foi então buscar-me um candieiro de quebra-luz verde, a cuja claridade decifrei a epístola estranha. Ah! que embaraço infantil se apossou da religiosa quando eu lhe murmurei mui baixo, quasi em segredo:

— Irmã Marta, sabe? É uma carta de amor.

Ela disse:

— É suave para um convalescente, Simão.

Suave e inquietante, porê! Se com efeito me desvanecia a vaidade, também era certo que o meu vão orgulho se assustava e constrangia perante a estéril prova dêsse amor. Pois resultava inútil toda a carinhosa, anelante, perturbadora prosa ali escrita. Quem era essa mulher? Onde vivia? Sórora Marta não soube dar-me explicações, e bem enleada ficou com as minhas confidências.

Mas no dia seguinte e à mesma hora, ouvi a religiosa subindo alvoroçadamente, vinda do lado do portão da quinta. E logo no seráfico sorriso que me mostrou eu adivinhei o que seria esse papel que em sua mão apertava. E li com desvairo, e sôfrego!

Se a primeira fôra uma declaração recatada, quasi medrosa, a missiva que eu acabava de receber tinha já um leve encanto de intimidade. E depois, uma indicação, em *post-scriptum*: pedia-me resposta, pelo correio, para a posta restante, tais e tais letras... E foi dest'arte que eu compus, na

mais cuidada prosa dos amantes, uma extensa, significativa carta — que Marta se prontificou a levar à mais próxima estação postal. Nos dias em que não recebia nada, entretinha-me a conversar com a religiosa sôbre o assunto palpitante. E eram perguntas sem nexos, suposições, receios.

— Diga-me Irmã, em que irá isto acabar?

Ela, com um ligeiro rubôr, húmidos os lábios como um fruto de inverno, sorria-se pacificadora e maternal. E com sua conversa casta e subtil, as mãos escondidas na dobra do corpete, os olhos baixos, animava-me a continuar aquela correspondência começada de tão insólita maneira, mas com recato — e «até ver».

Porêms dias houve em que as epístolas eram incendiadas ora por um amor vulgar e profano, ora duma chama arcan-gélica e quási ritual.

Lendo-as, a meia voz, eu tinha embargos súbitos, parava. Ela, a Irmã, detinha-se também com a respiração suspensa, nervosa e apreensiva — a prescrutar-me com uns olhos estranhos e desconhecidos, onde passava por vezes, no escuro das pupilas baças, a claridade azul dum relâmpago. Eu gozava a sua inquietação, atribuindo-a a cuidados pela minha doença, ou puros receios cristãos. E gostava de profanar os seus ouvidos afeitos ao murmúrio das ladainhas; e era vaidoso por desdobrar-lhe perto das narinas, habituadas ao halo sacro dos incensos litúrgicos, o vão e mundano olôr das violetas.

E as minhas respostas? Eu sei lá!: escritas sôbre o joelho, respigadas e emendadas durante todo o dia, eu próprio as recitava à pobre Marta, que solícita e cúmplice mas levava para o correio. De tal guiza que decorreu um mês sem que me eu apercebesse da debandada das andorinhas.

Assim nêsse quarto de hotel, ao desarrumar as malas, o maço das cartas me chamou logo a atenção. Desatei o laço de sêda que o prendia, percorri uma ou outra com a vista, fugidamente. Afinal, que significava aquilo? Fraude? Brin-cadeira? Drama? A última, que pôs ponto final no episódio, alegava uma viagem muito próxima com uma ausência muito longa — e mandava suster a deliciosa permuta. De resto, tinha coincido com a partida de Marta, e, como ela fôra a

alma instigadora das minhas respostas, dos meus pensamentos e resoluções — a sua saída iria prejudicar grandemente o meu entusiasmo, caso a correspondência continuasse.

Mas com as andorinhas, Irmã Marta voltou. Não o soube logo porquê, e a notícia que tive foi por carta recebida da quinta, onde uma velha criada me pedia a comparência nos próximos dias da Páscoa.

Fui. Encontrei os loureiros mais verdes, os pardais mais retoicantes. Hermínio veio ao meu encontro, agitando a cauda. Máxima, a velha serva, chorava de alegria. Contou-me ela, a boa mulher, como Sórora Marta voltara àquela região: uma tia octogenária, paralítica e surda, morria finalmente na sua casa apalaçada, nas visinhanças da minha quinta. Marta, sabendo isso, deixara o convento por uma noite chuvosa e feia — e, dias depois, entrava em terra da pátria.

A tia morrerá, por completo... E ela ficára na casa da defunta, as contas do rosário passando entre os dedos finos, os olhos sêcos e febris, e os beiços voluptuosos movendo-se em orações de propiciosos ritos.

Uma tarde, estando a aparar um renque de buxo, com Hermínio deitado à minha sombra bemfazeja, entrou de me invadir uma impaciência tal que deixei cair a tesoura enferrujada, acordei de susto o cão, que me olhou com humanos olhos de espanto — e fui visitar, na sua morada senhorial, Sórora Marta do Coração de Jesus.

Ela estava sentada ao balcão, de agulha e dedal de prata, como Santa Iria, e levantou os olhos do bordado, com surpresa. Falámos de coisas frívolas. O sol, muito quente, anunciava chuva. Subia do horto, naquela tarde pascal, um aroma dulcíssimo de heliotrópios. Aquela casa tinha mais harmonia e sedução que a minha, e não fôra acrescentada, como a outra — onde duma abadia ou coisa parecida se fizera uma vivenda agradável, com alpendre e jardim de inverno.

Após um silêncio, eu disse:

— Vejamos, Irmã, o que conta fazer agora?

— Doar esta casa aos pobres, voltar para o mosteiro.
Ficámos então calados, frente a frente.

Na minha volubilidade de conversador, tornei daí a pouco :
— Lembra-se daquelas cartas que eu recebi durante a
convalescença?

Ela fez-se vermelha e picou-se com a agulha. A seguir,
serenando:

— Ha-de mas dar, Simão. Conheço já a sua autora, é
mistér que lhas entregue. E perdoe-lhe, meu amigo. Foi uma
loucura de momento, que passou. Agora, no convívio do Se-
nhor, o seu pecado será diminuído...

— Mas... essa senhora vai professar? Quem é, diga-me
quem é!

Marta volveu:

— As cartas?

— Tenho-as em casa.

— Ha-de mas dar.

Reflecti, concordei. E distraído:

— E as minhas?

Então ela ergueu-se, fitou-me com um olhar onde já não
havia chama nem calor: um baço olhar côr de cinza. Suas
mãos tomaram as minhas, perguntou-me:

— Jura-me guardar segredo?

— Juro.

E Sórora Marta entrou em casa e voltou pouco depois com
um embrulho de cartas na mão. Deu-mas, e nas suas pestanas
havia gôtas de lágrimas.

— Mas... quem era?

— Era eu, apenas.

Nessa mesma tarde mandei-lhe todas as ardentes epístolas,
em cujo lacre prateado não me admiraria ter visto o campo
de escaques dos Alcoforados. Mas certo é que à nova Mariana
não mais tornei a vêr, ela que passeia talvez, a esta hora, no
exíguo claustro românico onde um repuxo, entre cíperos,
desenvolve a sua harmonia embaladora e sempre igual...

SIMÃO ESCÓRCIO.



: VELANDO :

NOITE calada! Como num lamento
A voz das cousas ponho-me a escutar!
E ela vai, vai subindo ao Firmamento
Num murmúrio constante a soluçar.

Noites de Outôno, como chora o vento!
Noites sem 'strelas, noites sem luar.
Noites de Outono, sois o meu tormento;
Tombam as fôlhas, ponho-me a chorar.

Noite morta! Lá fóra a ventania
Passa rezando estranha litania
Como sinos dobrando ao entardecer.

Vento de Outono, dolorido canto,
Unge meus olhos, deixa-mos em pranto
Para que eu chore sem ninguem saber.

: HORA MÍSTICA :



Há dias, quando eu fui pelos caminhos,
Da aldeia para onde vim, ao dar trindades,
De mãos erguidas como os pobrezinhos,
Com os meus olhos cheios de saudades;

Há dias quando eu fui nem sei para onde,
Entre lírios e tristes açucenas,
Às horas em que o sol de nós se esconde
E repicam os sinos às novenas;

Há dias quando eu fui na tarde exangue,
A rezar, a rezar pelo Senhor
Faziam recordar gôtas de sangue
Os derradeiros raios do Sol-pôr.

E nessa tarde angustiosa e estranha,
Com os meus olhos já semi-cerrados,
Eu fui-me como vão os namorados,
Buscar alívio ao pé duma montanha.

Bem dita sejas, tarde dolorosa,
Tarde da minha fé e meu desejo,
Branda como uma pétala de rosa
E como o aroma dum antigo beijo!

Serra do Marão
Setembro de 1919.

ALFREDO BROCHADO.



AO MARIO SÁ

: A DEUSA :

(Pequena fantasia)

I



HÉ! Ohé!

— Não me reconheces tu?

— Eu te reconheço e te admiro. Não és tu uma Deusa?

Não usaste tu outrora na Hélada, um alto elmo de bronze reluzente, sôbre a tua fronte tranquila? Perdeste já a lança que usavas trazer na dextra? E a serpente?

Não trazes tu, presa a ti, como por encantamento, a Sereidade Divina e a Força, nas dobras languês do teu claro manto que é mais claro que o Sol da Ática?

Não és tu uma Deusa?

— Tive um templo, tive. Chamaram-me Palas Athenêa.

— E o que fazes, perdida nesta floresta, na intimidade dos troncos e dos ramos?

— Ando errante.

II

Caminhámos nas fôlhas sêcas, sob a ramaria coeva do bosque encantado. Não ia em alvorôço a minha Alma, pois que em verdade me não era estranha aquela Deusa de passos nobres que eu olhava de soslaio.

— E agora como te chamam?

— Razão.

— Tu? O quê! Mas os homens, *ab initio*, te procuram e tem feito por ti loucuras e revoluções.

— Os Homens? Conheço-os. Estão ali em baixo numa Dança, com vinhos e ramos e corôas de loiro. Clamam pelo

meu nome mas não me aceitam lá porque a minha voz é fria e pesado é o meu manto. Queres tu ir vê-los?

— Os Homens?

— Estão ali, numa clareira, onde nunca bate um raio de Sol...

III

Os nossos passos rondaram pela solidão inefável do bosque encantado, sob a ramaria sedenta, na musculatura dos troncos, onde amarelecem musgos de legenda.

— Vê-los tu?

— Confesso-te, ó Deusa! Naquela clareira onde nunca bate um raio de Sol, o que eu só vejo é Confusão.

— Creio bem que os teus olhos não serão capazes de ver com aquela Divina Clareza dos moradores do Olimpo — porque Vós, os Homens todos, tendes as pálpebras cosidas e as pupilas tortas.

E logo a Deusa se aproximou de mim; eu estendi timidamente a cabeça e enquanto Ela me descosia as pálpebras e punha nas minhas pupilas uma faísca nova, eu sentia o calor olímpico do seu seio e toda a minha lamúria dolorosa era que aquela Deusa tivesse uma tal severidade no perfil inalterável da sua frente; e eu ali naquela floresta, sob aquelas mudas árvores, por onde não passara viv'alma — e sem poder sequer tocar-lhe o manto.

— E agora? Vês tu a Dança?

— Oh, maravilha! Vejo tudo bem! Eles dançam como doidos!

— Erraste tu! Não são doidos tal. Estão todos bêbedos.

IV

Com sinceridade o vou dizer: A Dança que a Deusa me indicava, com o seu olhar sagaz, era uma Dança horripilante de delíquios e de deboches.

Brilhavam por entre os ramos alheados, as scintilações de um grande Sol, alto e fatídico, do feitio dum cardo-negro de melancolia que com um triste reverbero rôxo iluminava a Dança, matraqueante e desinvolta, donde se erguia, como um volátil eterno, um *brouhaha* profundo e misterioso.

E eu, então, gritei:

— São piores que o próprio Bacchus!

E logo a Deusa disse:

— Tem juízo, tu! Bacchus, eu conheci-o. Foi um deus jovial e de bom gosto que se emborrachava, sim, mas com os mais saborosos nectares da Etólia ou Samotrácia. E os

Homens que tu agora vês lá em baixo na clareira onde nunca bate um raio de Sol, êsses — oh Zeus! — embriagam-se com tudo: Vinho! Agua! Lama! Ou unto!

V

— E que Dança! É sempre o mesmo?

— Gostas?

— Não. O que achas tu?

A Deusa disse:

— Esse can-can idiota que tu vês lá em baixo na clareira onde nunca bate um raio de Sol, faz estremecer os meus nervos finos de Divindade. Os Homens?

Conheço-os. O que posso eu? Não temos familiariedade!...

— Como se chama a Dança?

— Vida.

— Dize tu, ó Deusa: E os comparsas como se chamam?

— Mercadores. Vês tu aquele?

— Vejo-o. Coxeia e de mulêtas! E tem os ombros cobertos de chagas que Êle oculta com uma rêde.

O que faz Ele?

— É um Físico. Cura!

VI

— Vais-mo tu dizer, ó Deusa: E êste com uns pés enormes, quem é? Sabes tu?

— É um Rico. Ninguem lhe sabe o nome.

— E não tem crâneo?

— Não lho vês tu sôbre os ombros, volumoso como um grão de ervilha?

— Devo dizer-te, ó Deusa: Êste efêbo que se roja, não o compreendo! Tem dois corações em vez dos olhos — em vez do coração tem um ôlho?

— Ah! Tu o conheces, sim! É um Amoroso.

— E aqueloutro para quem todos sorriem e sempre a vêr-se num espêlho!

— Chama-se o Filântropo. Nome esquisito; veiu do Grego.

— E aquele, tão severo e venerável, como um velho Filarca de Atenas? Não notas tu que Ele se esforça para vêr no Infinito — e são mais pequeninos os seus olhos que duas bagas de pimenta?

— É um Filósofo. Conheço-os. Sim! Êles veneram-me. Erguem-me altares — queimam-me incensos. Porêm, oh Zeus, não são de confiança! Embriagam-se muito.

VII

— O que é aquilo? E não tem pernas? E sôbre a cabeça uma corôa de oiro que lhe vai tão mal?

— Não te rias tu! E' um Rei.

— Conheces tu aquele que dança, corcovado, com uma lanterna na mão? Não o vês tu? Tem as órbitas furadas! O que procura?

— Não sabe.

— O que sabe, então?

A Deusa disse:

— Êle sabe que não sabe.

— E chama-se?

— Sábio.

VIII

— Como? Não vês tu aquele? No lugar da cabeça tem uma labareda?

— Tranquiliza-te tu — porque não queima.

É inofensiva a labareda: E' um Patriota.

— E, êste ancião de longas barbas?

— E um Sacerdote.

— O que tem Êle no copo de oiro?

— Um óleo.

— Como?

— O Oleo da Eternidade.

— E Êle bebe-o, portanto?

— Não vês tu que não tem bôca!

— Esta creança que tem o crâneo leve como um *papyrus* e a língua comprida como uma fita e que a tudo se lhe enrosca, oh Zeus, como pode Ela dançar?

— E' quem dança melhor!

— Por Juno! Qual é o nome?

— Mediocre.

IX

— O Deusa! E não vês tu? O que é Aquilo, sôbre altares que êles adoram, de mãos postas?

— E' o Eterno-Ídolo.

— E Eles adoram-no, inflamadamente?

— Se tem a beleza duma ânfora...

— Ânfora? O Deusa! Que tem dentro?

A Deusa riu, prolongadamente

— Nada. Ou quási nada.

— Que vão Êles lá beber?

- Um perfume raro.
- Como se chama?
- Amor.
- E o *bibelot*, ó Deusa. Chama-se?
- Mulher.

X

— É esquisito, ó Deusa. Não reparas tu? O que é que serão uns bichos, caprichosos como aranhas que Alguns teem, à roda, no pescoço agarrados como ácaros — e que Eles tanto ocultam com um pano?

— E numerosos?

— Sim.

Muito simplesmente, a Deusa disse:

— São os Vícios.

XI

— O que eu encontro de mais fantástico em tudo isto, ó Deusa! é que é monótona a Dança — à roda, à roda.

— Eles estão bem contentes. Não crêem nisso.

— Porque não lhes falas tu?

A Deusa riu:

— Por Hera! Gostam lá de ser importunados.

Se vou para Eles, fujo! E deixo atrás de mim poças de sangue.

XII

— O que é isto? Um dragão enorme? Faz-me medo!

— Não te inquietes tu! É animal doméstico.

— É horroroso! E come sempre?

— Sempre! E de cada vez devora um Homem.

— Apavoras-me. Dize tu. Que é?

A Deusa disse:

— Eu, por mim, não sei. Eles chamam-lhe a Morte.

— Ó Deusa! Como se pode então dançar assim, tão perto das fauces de um tão medonho animal?

— Não acho eu grande coisa. Habituaram-se.

— E aquele ali tão perto que em vez do coração tem uma bolsa?

— Vejo-o.

— E a bolsa o que tem dentro?

— Dracmas.

— Muitos?

— Muitos. Conhece-lo tu?

— Não dança mal. Quem é?

— Um Agiota.

XIII

— Ó Deusa! Como se chama aquele que em vez de mãos tem dois crâneos? E em vez de crâneo tem — sei eu lá o quê?

— Sofre muito o Mau-Humor. Chamam-lhe o Grande-Homem.

— É estranho aquele, ó Deusa! Como se chama o Gládio Forte que tem na mão?

— Vontade.

— E êle em que se ocupa, sabes tu?

A Deusa riu:

— A triturar uma rocha com a cabeça.

— Eh, divino Zeus! E qual é o nome?

— Persistente.

XIV

— Por Zeus, ó Deusa! E não vês tu Êstes que se mordem como cães danados?

A Deusa disse:

— É banal! São dois Confrades.

XV

— O tal dragão doméstico devora-os, ó Deusa, com uma regularidade que é de arripiar. Mas não acabam nunca! Brotam duma Fonte, ali ao lado. Como se chama a Fonte? Sabes tu?

— Fonte da Vida.

— Fonte da Vida, ó Pythia! Vais-me tu dizer o que é?

Pelo olhar suave da Deusa roçou uma àsa de tristeza:

— Por Ares! Que não sei.

XVI

— Não reparas tu? Que é que teem todos dentro do peito — e que se vê tão mal através do manto?

— É uma Chama com duas Asas.

— Que nome tem? Sabes tu?

— Eles chamam-lhe Alma.

— Por Zeus, ó Deusa. Alma! Que é?

— Eu, por mim, não sei. O sábio Minos diz que Ela é Fogo ou do Céu ou dos Infernos. Basílio, que é Santo, diz que ela é Imortal. Sócrates diz que Ela é Imortal. Aristóteles,

que não é Santo, diz que Ela é Mortal. Esse outro sábio Orígenes, diz que se Ela habita um Peito-Mau, Ela será Diminuída e até mesmo Imperceptível. Plotino e Eusébio de Cesárea dizem que Ela é Imortal. E Platão ensina que ha ainda Outra na Cabeça e Outra no ventre.

— E tu, ó Deusa! Que dizes?

— Por Deus, te digo! Não atinjo bem.

XVII

— Ó Deusa! Eles dançam como doidos!

— Não são doidos tal. Estão todos bêbedos.

— E não te ris tu d'Eles?

— O divino Erectheneu! Por verdade te digo! Os que tu vês lá embaixo na clareira, onde nunca bate um raio de Sol, a mim me não veem Eles, nem o Riso nem a Dôr.

— Quantos Homens tem a Dança? Sabes tu?

— O divino Erectheneu! Não to posso eu dizer; são numerosos como os ratos.

— E aqueles, ó Deusa! Quem são aqueles que comem, comem tranquilos, de bruços numa gamela e tem um ar embrutecido como orangos?

— Não os conheces tu? São os Felizes.

XVIII

— E aquele? O que dança com um sorriso e junta os pés às mãos. E tem o coração mais frio que as águas do rio Cidno. E as unhas mais aduncas do que foices?

— E tem as mãos mais espalmadas e nervosas que tremelgas?

— E os pés mais duros do que os seixos?

— E as Ásas irriquietas?

— E a Chama mais mortíça do que um pavio?

A Deusa disse:

— Chamam-lhe Político.

XIX

— Não vês tu, ó Deusa! Aquele? Tem a testa mais estreita que um papel.

— Não te rias tu.

— Quem é?

— É um devoto da Rainha Lógica.

— E o outro?

— O outro? Tem um nome mau. Chamam-lhe o Hipó-

crita — porque Êle conhece perfidiosamente o mistério de Todas-as-Côres.

— O Deusa! E aquele?

— Cheio de vento?

— E tem a cabeça dentro do próprio ventre?

— Crê-se o centro do Mundo.

— Ó Deusa! E não te parece que o seu crâneo é escandalosamente insignificante? Quem é?

— Um Orgulhoso.

— Por Zeus, ó Deusa! E êste que tem um grande coração de ferro? O que tem na cútis? parece musgo amarelo...

— E o mêdo à flor da pele. Chamam-lhe Herói.

XX

— E aquele outro que tem o corpo coberto de farrapos — e nos seus olhos um brilho feliz?

— Conhece muito bem os Homens. Chama-se o Vagabundo.

— Êsse outro que vai com Êle de mãos dadas e tem a espinha mais curvada que uma foice — e nos seus olhos um fogo angustioso?

— Chamam-lhe Mendigo.

— O que bebe Ele da Taça-Negra?

— Um líquido estranho.

— E chama-se?

— Odio.

XXI

O Deusa! Aquela Velha, não a compreendo. Vive então ali numa jaula e com grilhões de ferro, aos pulsos?

— Não te rias tu, é a Matrona.

— E Eles não a utilizam?

A Deusa disse:

— Não sabem como.

— De que vive Ela, sabes tu?

— Dalguns cadáveres.

Mas Eles fazem-lhe, em honra, tríduos e bacanais!

A Deusa riu, prolongadamente:

— O mortal filho de Eros! Pois não vês tu que Ela é que é dentre Eles — o Alto-Idial?

— O que lhes dá Ela, portanto?

— Heróis e Sangue.

— Ó Deuses! Quem é?

A Deusa disse:

— Dão-lhe um nome entusiasta: Liberdade.

XXII

- Ó Deusa! E quando acaba a Dança?
— Por Zeus! Dizem que nunca.
— E tu que dizes?
— Eu, por mim, não sei. João Crisóstomo, que é santo, diz que haverá Dança Final — Pirro diz que o Sol queimará Tudo.

XXIII

- Ó Deusa! E quem é aquele? Tem uns olhos agressivos como garras? E as mãos mais ávidas que ventosas!
— É o crâneo rubro como o Fogo?
— E umas Asas irrequietas!
— Chamam-lhe Ambicioso.
— E o outro?
— O que tem uns olhos frívolos? E que dança e dança, contente?
— O Deusa! Quem é?
— Um Estúpido.

XXIV

- E essoutro que tem os punhos fechados como cofres? E tem os olhos revirados para dentro? E nem vê mais nada à roda? E em vez do coração tem um seixo?
A Deusa disse:
— Chama-se Egoista. Vai muito bem na Dança.

XXV

- O Deusa! O Deusa! Por Zeus, ó Deusa! E quem é aquele? Aquele, com um corpo tão belo — tão belo como o de Apólo?
E é branco e branco — tão branco, como os mármore de Paros!
E tem a chama inflamada e radiosa como um Pleno-Sol!
E são tão grandes as suas Asas que não lhe cabem no Peito!
Poseidon! E Êle sofre? Porque está caído no chão e parece estranho e acanhado? E não dança?
— Não sabe dançar.
— Apólo! Demeter! E porque o pisam?
A Deusa disse:

- Porque Êle não faz nada de útil.
— O divino Erechteneu! Quem é?
— Por Deus, te digo que não me lembro bem.
— O Deusa! E tem os olhos cheios de lágrimas — grandes e carbunculosas?
— Ah!... Chama-se Poeta.

XXVI

Ó Deusa! Pois se Êle é divino como Apólo e tem uma Alma radiosa como um Pleno-Sol, porque não o salvas tu? Agarra-o!

A Deusa pôs-se nua até às ancas:

— Como? E como não vês?

— Oh! Deuses!

Não tinha braços.

XXVII

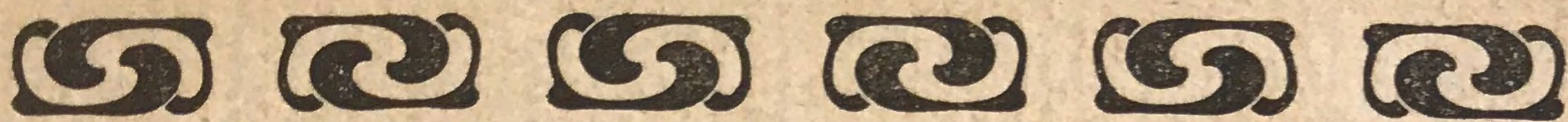
Sob a ramaria coeva do bosque encantado, sentia-se ufano, meu coração. Raciocinar com uma Deusa!

Como eu desejaria ser visto por um certo sábio mediocre que conheço... mas, oh Zeus, logo que pensei em tal môno — a Deusa fugiu!

E fiquei só! Só, sob a ramaria coeva do bosque encantado. Escureceu. Dei dois passos na treva. Puz-me à escuta:

— Terrível, o *tohu-bohu* da Noite.

MENDES DE BRITO.



: OUTONO :

MELANCÓLICAS tardes portuguesas,
Pelo dobrar do Outono e da Saudade,
Eu tenho as vossas lágrimas acesas
No branco altar da minha mocidade.

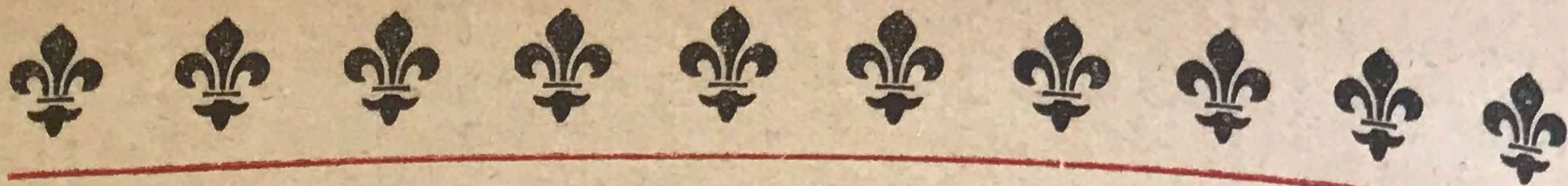
Quando caem as fôlhas e tristezas,
E tudo tem um ar de piedade,
Em minha alma florescem brandas rezas,
Palavras de ternura e caridade.

E como se do Céu viesse a mim,
Por todo o espaço da amplidão sem fim,
Um hálito de Deus que me envolvesse!

E eu fico repassado de emoção,
Como se dentro de meu peito o coração
Numa névoa de amor se desfizesse . . .

Coimbra. — 1919.

ANTÓNIO DE PORTUCALE.



: O REFUGIADO :

MANOEL Gomes de Norbal, que regressára de longes terras, acolhera-se ao silêncio e ao isolamento do seu solar entre montanhas, velho casarão meio convento, cuja capela morgadia era encimada pela cruz sangrenta de Malta. Cheio do tédio e do desconforto da sua vida dispersa, como uma poeira inútil, por todos os caminhos do mundo, êle recordava-se nesse serão solitário das suas aventuras passadas, — tristes perfumes que se esvaneciam; e o mudo diálogo com essas sombras tinha uma sedução serena e compassiva, uma desiludida ternura de lágrimas frias e envenenantes... Como um lavrante de medalhas, dir-se-a que êle ia revelando a pouco e pouco êsses perfis de mulheres modernas que na sua vida se espalhavam à maneira de grinaldas madrigalêscas, — umas orgulhosas e régias como crisântemos de oiro e de fogo, outras, idílicas donas, românticas e heráldicas como lírios que florescessem num jardim de amavios. Nesse serão solitário, êle acendera para a festa da sua saudade dois candelabros antigos de prata cinzelada: e a luz jorrante, espalhando-se por todo o gabinete, acordava reflexos crivados nas esplêndidas colchas de Damasco. Estendido no *maple*, Manoel Gomes fumava, divagando amavelmente, num suave abandono de todos os sentidos. Era um ambiente propício às meditações plácidas, aos estudos humanistas, e ao abandonado gôsto de recordar, êsse gabinete quási conventual, onde

o *maple* punha um grito de anacronismo insolente. Sôbre a mesa de trabalho, os candelabros ardiam em dez chamas inquietas, belas e alvoroçadas como cabeleiras de princesas. Vinha de fóra, da quinta germinal, um surdo murmúrio composto de muitos murmúrios, da voz soluçante das fontes, e do estrídulo das cigarras. E Manuel Gomes sentia naquele gabinete dos serões estudiosos um repouso desconhecido, que não era sôno, onde se misturavam o remanso cristão dos horisontes e da noite cheia das fálas religiosas da água. E êle, o viajante cosmopolita, para ali ficára com um vago enternecimento, a repassar a história áurea da sua vida faustosa — ah! mas que êle agora via ser inútil, sem finalidade, dispersa a todos os ventos de todas as loucuras. Recordava-se agora da que fôra há anos a sua *Diana de Gabies*, dessa mulher de graça harmoniosa e sedutora, que lhe ensinára com seus beijos e seus abraços a amar a vida com um fundo delírio de todos os sentidos. Essa mulher tinha, como uma estátua clássica, um corpo de nobre elegância, de seios esculturais como taças, uma juvenildade radiosa e opulenta, linhas tersas e perfeitas, um donaire sereno de deusa. No silêncio dum palácio de príncipe romano, em cuja atmosfera havia serenidades aromais, êles passaram meses num idílio duma pureza heroica, duma orgulhosa voluptuosidade latina, recolhendo de tudo — da vida e das almas — uma alegria divina e radiante. Bebia a água pela concha de suas mãos... E nas manhãs lúcidas, duma luz virginal de óde olímpica, quando o sol tem um esplendor apolíneo, êles ressuscitavam um ritual pagão, tomando banho numa piscina de mármore verde, rodeada de estátuas que, durante séculos, dormiram debaixo da terra, no esquecimento e no tédio dos homens. Ele vivera então as horas vitoriosas da sua mocidade de herói latino, embriagado de vida e de desejo, orgulhoso, forte, concebendo todas as aspirações e todas as ideias com uma nobre confiança em si próprio. Eram belos os jardins patrícios que envolviam o palácio, onde todas as fontes anacreonticamente, na luz gloriosa, pareciam repetir as frases do *Decameron*. E nas alamedas, ladeadas de mirtos e de roseiras, muitas vezes êle a beijára, recitando, por entre os beijos, ebriamente, estrofes de Horácio...

Fóra, no eirado da casa, um cão latiu. Êle lembrou-se nesse momento do galgo irlandês que sempre acompanhava

essa deliciosa amante, um galgo duma elegância de bronze antigo, que ela com um gosto de princesa erudita da Renascença amava loucamente...

Fulgiam, num delírio luminoso, os candelabros de prata, erguendo as chamas no silêncio do gabinete e da sua saudade. Nessa luz deslumbrante, a Vénus de Medicis amostrava, sôbre a mesa de trabalho, a sua nudêsa olímpica que desafia os séculos na eterna primavera da sua carne.

E como é que surgiu a «outra», em Paris, como numa scena de vida boémia? Como meneios serpentinos de lavareda, vestindo com uma elegância modernamente assimétrica uma *toilette* onde o costureiro se déra ao capricho de copiar uma flôr, êle bebêra nos seus olhos (verdes ou azuis? — nunca o soubera...) um licor envenenante e atraente. As suas mãos eram longas, finas, agudas, com os dedos cheios de jóias, — esculturas adoçadas, transparentes como se fôsem feitas de cêra... Êle amára êsse corpo esquivo, esbelto, aritmico, duma elegância arisca, infantil e fluida. Fôra um amor estranho, alucinado; os beijos trocados deixaram nos seus lábios um gosto de mel — mas de mel envenenado. Essas horas amorosas não cantaram a vida. Frágil como uma haste de lírio, a sua alma tinha a frivolidade dum madrigal boémio, mas, no entanto, atraía por misteriosas tentações, luarosa e romântica. Nas noites de boémia doirada, ela pendia sôbre o seu coração levemente como um corpo feito de penas, rindo com mimos garôtos de Colombina. Prendia-o, enleivava-o, subjugava-o quâse o amor por essa mulher que êle irónicamente considerava um lugar-comum elegante — tendo os mesmos pensamentos de todas as outras, repetidos com uma fidelidade mecânica. Todos nós temos um supersticioso receio em romper uma teia transparente que encanta a nossa vida, prendendo todos os esforços livres da nossa vontade... Pois bem! Êsse mêdo desapareceu um dia! O último beijo, quando colou a sua bôca à bôca florescida dessa pálida Mimi foi um lírico madrigal, um madrigal pierrotêsco e amargo, que êle ainda hoje alembrava com irónica saúde...

Levantou-se do *maple*, deu uns passos pelo gabinete, e parou deante dum pequeno espelho venesiano, em forma oval. Sorriu-se com sarcástica piedade por si próprio: grandes rugas vincavam a sua máscara, dando-lhe um ar de velhice prematura

e cansada. Êle não chegara ainda *al mezzo del camin*, nem adquirira essa impassibilidade irónica com que os homens, que já pressentem a velhice, costumam julgar tudo; mas era-lhe doce recordar o seu passado com a triste concentração de quem remeche um brazido cheio de cinzas e melancólicamente se sorri, com assombro, quando vê alguma pequenina chama escapar-se... E a pequenina chama escapou-se, num grande desejo de libertação! Era agora a bailarina eslava, de corpo elástico e esquivo, que lhe parecia tão distante, perdida para sempre na sombra do seu passado. Acendeu lentamente outro cigarro e sentou-se. Quando estivera em Varsóvia, vivera sempre num contínuo encanto. Nunca como então ele adquirira uma vibratilidade tão aguda e dolorosa, um apaixonado sentido da côr e da linha. Ao crepúsculo, quando as torres bisantinas faúlham como se fôsem feitas de oiro e pedrarias e toda a cidade se enche dum esplendor bárbaro — dir-se ia que deuses desconhecidos vão descer à terra para celebrarem um sacrificio... Quem sabe se essa bailarina eslava, de grenha de fogo e olhos verdes e ébrios (oh! êsses olhos que o envolviam numa névoa verde, misteriosa...) não estava predestinada para lhe oferecer com o seu amor místico e misterioso uma nova revelação? Na cidade bárbara sempre o acompanhou essa bailarina esvelta e sortílega, e a posse do seu amor, nessa terra de mistério, dava às paisagens de neve e de oiro um sorriso familiar e encantador. A primeira vez que êle a fôra visitar, ela surgiu paradoxalmente, abrindo uma porta lavrada e toda embutida de marfim e pérola. Vinha vestida de Schezazada... Manoel Gomes nunca conhecera mulher assim superior, scética e religiosa, cheia de contradições, amando tão eruditamente. Ela procurava sempre, para que o encanto continuasse, novas surprêsas, maravilhas novas. Uma noite, num esplendor assírio de luz e de côr, ela bailou, para êle unicamente, bailados scherazadêscos, zebrantes, ágeis, melódiosos, onde o espírito do fogo se unia, num espasmo, à alma do ritmo. Outras vezes, eram bailados misteriosos das paisagens da neve, tendo ao mesmo tempo uma elegância claunêscas e uma fuga bárbara e esfusiente. Mas à sua beleza pálida e ruiva, à fragilidade ideal do seu corpo de czarina, iam melhor os bailados galantes, irónicos, mariposados. Assim, ao interpretar a gárrula e nervosa alegria de Colombina, o seu

corpo era uma maravilha de esbeltêsa, de atitude humorística, de líricos gestos românticos... Na cidade do fôgo e do ritmo, ela fôra uma inspiradora adorável. Os seus olhos verdes mergulhavam hipnóticamente nos longes embruxados da neve. E quando Manoel Gomes beijava as suas pálpebras cerradas — nunca podia explicar a estranha emoção dêsse beijo doloroso, comovido, ascético... Onde estaria agora, levada pelo vento duma vida inquieta, a maravilhosa bailarina?...

E esta pergunta que êle fez a si próprio, como se interrogasse o seu destino, encheu-o duma tristeza fria e desolante. Com gesto distraído, fazia girar no dedo indicador o anel de ferro forjado onde uma águia abria as ásas dominadoras. Do jardim vinha a canção solteira duma fonte... A paradoxal, á fútil, a frágil bailarina russa surgia deante de seus olhos como um espectro por entre neblinas de luar. Ela, a ruiva, era bela, encantadora, com seduções enovelantes e capciosas; tinha mãos de tocadôra de cítera, dedos longos, habituados a penetrarem flócos de neve com um geito amoroso; e os seus olhos verdes eram para êle uma alucinação, profundos como espelhos cheios duma luz venenosa. Seus beijos abriam-se, orgulhosos, como uma flôr. Por vezes, com o cabelo desgrenhado, caíndo sôbre os ombros régios, lembrava uma infanta bisantina, tentante de todas as seduções, perturbando sempre como um mistério, bela e repulsiva como um vampiro. Mas, nesse momento de saudades românticas, as suas mãos vinham, por graça do amor perdido, espalhar lírios por todo o ambiente... Que era, afinal, tudo isto? A desconhecida sombra duma sombra... Ah! êle agora bem via, olhando o esplendor das dez chamas tremulantes, quanto o seu passado tinha sido inútil, dispersivo, sem uma finalidade que guiasse todos os seus passos e todos os seus pensamentos no caminho indicado por Deus à sua vida. Mas tinha agora um desejo ardente de beijar as pálpebras cerósas dessa bailarina russa — as pálpebras cerósas que palpitavam sob os seus beijos... Revia-a no *Carnaval*, em traje de Colombina, mimalha, esfusiante de graça humorística, dum encanto paradoxal, fútil como uma abelha avoando em tórno dum gira-sol...

Por muitas taças, todas maravilhosas, êle bebera o licor do amor, da volupia, e da beleza. Por caminhos transcendentales, na sua fatalidade de príncipe vagamundo de romanceiro,

êle procurara uma verdade que o satisfizesse, uma luz pura e superior, um ritmo imperturbável de vida dominadora. Mas, depois de assim percorrer as sete partidas do mundo, êle reconhecia que nada aprendera, nada o elevara, e que a sua alma morria duma sêde espiritual e torturante. Tinha um sceticismo mais doente, um maior cansaço, um tédio mais dobrado. Amara talvez essas três mulheres. Mas para nenhuma delas tinha maior preferênciã, por todas espalhava o divino perfume da sua saudade e agora recordava-as com os olhos quási rásos de água. Fôram como um vinho capitoso, bebido por taças diferentes, mas todas da mesma beleza escultural. Deixaram no seu passado uma saudade lírica, nebulosa, esmaecida. Quando lembrava uma, logo as outras surgiam por fatalidade mágica. Erão três princesas errando no jardim misterioso do seu passado...

Ergueu-se com um grande desalento, e de mãos nos bolsos ficou olhando a trémula ondulação das chamas delirantes. Confrangia-o a certeza de que, em volta da sua vida, tudo se apagara, e que nessa indecisão nenhuma voz lhe dava fé, coragem, heroismo de vencer. Deu umas voltas inquietas pelo gabinete e, desejoso de ar livre, escancarou a janela de par em par. Seus olhos afundaram-se no esplendor dêsse céu coalhado de astros, e dentro de si surgiu uma misteriosa, indecisa interrogação perante todas as coisas que, como êle, estavam sujeitas à divina regra de transitarem, nos círculos da vida imortal, por formas que morrem e renascem, continuamente...

Coimbra, 1918.

ERNESTO GONSALVES.



: SONETO :



COMO uma águia preta e batalhante
cobrindo o campo de oiro dum escudo,
assim a noite negra e de veludo
oculta, abrindo a ása, o sol radiante.

Torna outro dia e chega o astro adiante,
traz a verdade e a luz, pois vem desnudo.
E enquanto vibra e resplandece tudo,
eu abrigo-me à sombra rastejante.

Vejo passar, no rumo luminoso,
santos, deuses e génios... Mas aos poucos
o áureo clarão se extingue, brando e brando.

E no escuro que desce temeroso
filósofos, herois, sábios e loucos,
todos se envolvem, cegos, tateando...

: SONETILHO :



ÃO alto pus a Esperança
(como se fôra uma estrela)
que o meu olhar, para vê-la,
já não dorme e não descansa

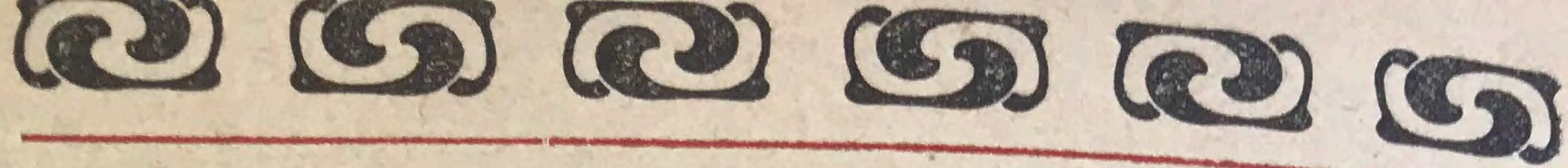


E essa luz no céu avança
e corre, oculta mas bela.
Assim o olhar, para vê-la,
nunca a esperá-la se cansa.

Séculos passem, milénios,
rolem mundos, tombem génios,
que eu ficarei mudo e absorto.

Talvez a luz a mim chegue
um dia, e os olhos me cegue...
mas luz dum astro já morto!

JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO.



: OS MODERNOS :

ALBERT SAMAIN



Á em baixo, na vida banal e desolada, ninguém como Samain foi náufrago do Sonho. Resignados, todos suportamos a sarabanda eterna das horas que fogem e dos desalentos que ficam. Ele, não. No seu orgulho, era, como ninguém, hostil à realidade. Enclausurado no paraíso envenenado e lânguido da sua arte, entre o fru-fruar das sêdas e o fru-fruar dos beijos — via de longe a vida, como uma miragem tôrva, como um dolorido e inútil pezadêlo. «*Aucun comme lui ne fût craintif de la vie*» — e na frase de Beaunier toda a expressão do génio de Samain palpita, revelando-se. Receiava a vida, a gritaria dos sons e dos coloridos, o caleidoscópio violento dos frémitos que enlouquecem e das febres que queimam — toda a pujante, rútila quermesse da intensa civilização, acelerando, ampliando, prolongando a tortura, o fastio de viver.

A sua arte foi, para êle, a redôma de cristal onde se isolou, como um inadaptável. Criou, unicamente para si, um mundo de meias-tintas e de meias-côres, um mundo em que as claridades desbotam, os perfumes esmaiam, as tonalidades se vitralisam, em mortificadas diafaneidades de renúncia... O seu ritmo e a sua música são raridades que extasiam, ineditismos que surpreendem e enloucam. Pensa-se, por vêzes, no contacto com os seus versos, correr um jardim de caules esbeltos e corolas magnificentes, um jardim de enlêvo e de indecisão, um jardim de enigma e de desfalecimento, um jardim de miragem nostálgica e de vaidade suprema, um jardim em que as flores pareçam nascer da polida brancura dum espelho. Há contornos duma suavidade anfórica que só nele encontro,

nas suas harmonias que parecem alar-se como braços que rezem, espiralar-se como fusos que subam, perder-se no alto como névoas que se esfumem, brumáticas e efémeras... Sinto, na sua poesia narcotizadora, sugestões de beleza vaga e enfeitiçada que, antes de conhecê-la, os meus olhos não viam, os meus ouvidos não prescrutavam, as minhas mãos ansiosas não palpavam inda... Samain é, assim, um revelador das meias-carícias e dos meios-tons, das tremulinas da quimera e das transparências do enleio, dos mil requintes voluptuosos que nos rodeiam como beijos de névoa e chamamentos de êxtase, e só muito incertamente descobrimos, e só muito tardiamente compreendemos...

J'adore l'indécis, les sons, les couleurs frêles,
Tout ce qui tremble, ondule, et frissonne, et chatoie
Les cheveux et les yeux, l'eau, les feuilles, la scie,
Et la spiritualité des formes grêles.

Je rêve de vers doux mourant comme des roses...

Samain sofreu, sofreu como poucos. A sua tragédia é a tragédia do *Exilé* de Rodenbach. Abandonado entre a profanação da humanidade estuante e enérgica, andou pela vida como um príncipe loiro e flébil perdido num bosque onde as ciladas despontam, onde as tentações espreitam. Longe de tudo, longe da realidade e dos homens, fitava, extático como um iluminado, a visão distante da sua miragem, para onde as suas inspirações e os seus enlevos a todo o momento partiam, *sur des nacelles roses*. E foi do seu alheamento sublime e ascendente que a sua mágoa nasceu, que o seu conflito doloroso surgiu — o eterno conflito dos inadaptados, dos altivos exilados do sonho, cujos passos se não ouvem e cuja alma vôa, na flama do seu desejo, para os firmamentos de pérola e opala...

Da sua dôr, Samain tirou o imenso soluço da sua poesia... Toda ela é um soluço lento e melódico, um arrastado e requintado soluço, um virginal soluço de nostalgia e desalento. Desde o soluço das penumbras que morrem até ao soluço dos veludos que agonizam, desde o soluço dos parques desertos até ao soluço dos luares martirizados, desde o soluço dos crepúsculos que desbotam até ao soluço das pedrarias que descoram... Tudo é nêle a sombra que desce, a tortura que domina, a fatalidade que maltrata, a vitória das cinzas sôbre as alvoradas, das noites anémicas sôbre as madrugadas frescas. Poeta da tristeza e do requinte — Samain dá a impressão dum soberano oriental querendo rodear-se, antes do fim, dum mosaico de sumptuosidades e narcóticos, distraindo o olhar moribundo numa última festa de policromias e carícias, e tendo,

pela última vez, uma ilusão benéfica de existência purificada e embelezada...

A mulher, para êle, é a Diabólica de Aurevilly e a Musa Esfíngica de Moréas fundidas à imprecisão dum perfil de bruma. Sôbre o veneno da satânia e o mistério da gioconda —lança a velada magia do seu irrealismo, tornando-a vaga, d'alma aluarada afogada em anseios, perdida em doentias per-versidades exangues. Tece para ela a filigrana das suas melodias, o harpejo das suas ladainhas de incenso e amorosidade —mas guardando em si o orgulho do seu desdêm e da sua indiferença.

Femme, notre mépris sublime et notre Dieu...

Algumas vezes, no jardim simbólico da sua alma, encontra as madonas de sentidos brancos e exalações místicas, às quais então se aproxima, como na ânsia dum bálsamo de suavidade e pureza, e cantando-as como as peregrinas companheiras duma dolorida romagem, trémula e apagada, em busca do Descanço e do Sonho...

Samain é o Ruysdael do ritmo — em cujos céus empoalhados de âmbar palpitam os astros da rutilância e da mágoa. Samain, torturada figura de nostálgico, deslocado perfil de scismador e ritmador, foi, como poucos, infeliz, distante da feéria que idealizara, do grande cenário impossível e único que afagara eternamente a sua Ilusão...

A tragédia de Samain é a tragédia do *Exilé* de Rodenbach — abandonado entre a profanação da humanidade estuante e enérgica, andando pela vida fora como um loiro e flébil infante perdido num bosque onde as ciladas despontam, onde as tentações espreitam, e onde êle teve de subir o calvário mortificado do seu isolamento e do seu alheamento.

Na sua cabeleira loira de doente poussa-se agora a benção aromática da glória. Tardia? Tardia, não. Um artista como Samain que viveu a amaldiçoar a vida, a distanciar-se dela, a esquecer-se dela, para sofrer menos — só na morte pode receber, num sorriso, os loiros floridos da consagração, agora que, sôbre a laguna profunda dos seus olhos mortos, os cílios caíram para sempre, para a eternidade do Sonho!

Outono, 1919.

JOAO AMEAL.

EXPEDIENTE

DA REDACÇÃO

Toda a colaboração é inédita e solicitada.

Devido a circunstâncias imprevistas, não pudemos regularisar ainda a publicação desta revista.

No próximo número inseriremos prosa do Visconde de Vila-Moura.

Brevemente publicarêmos a resenha crítica de todos os livros que temos recebido,

DA ADMINISTRAÇÃO

Fomos obrigados a elevar o preço dêste número por motivo do aumento de páginas.

Não aceitamos assinaturas, sendo avulsa a venda da nossa revista. Pedimos a todas as pessoas a quem a enviamos o favor de nos remeter pelo correio a importância de cada número.

Em via de publicação:

SERÃO DAS INFANTAS

por Alfredo de Carvalho.

POEMA DA TENTAÇÃO

IRONIA BUCÓLICA

por Américo Cortez Pinto.

CARNAVAL

por Luís Pinto de Montemor.

DIÁLOGOS

por João Ameal.

POEMA DAS SOMBRAS

por Ant.^o Thomaz de Bourbon.

À venda:

A HORA INTERNACIONAL

por Luis Vieira de Castro.